



O dilema das exportações

Síntese: *Ao longo da recessão, as exportações brasileiras vêm se concentrando em matérias-primas, que desencadeiam efeitos positivos menos expressivos na geração de emprego e renda dentro do país. Em contrapartida, a participação de bens industrializados na pauta é cadente: em apenas quatro anos, a balança comercial deste segmento passou de um superávit de US\$ 14,6 bilhões para um déficit de US\$ 2 bilhões. Aliado à contínua valorização cambial e ao estancamento do processo de redução dos juros, tal desempenho prejudicará a recuperação dos empregos eliminados pela indústria desde setembro de 2008.*

Com sinais cada vez mais reiterados de que o pior da crise econômica pode ter ficado para trás, as atenções agora se voltam para as condições em que o país emergirá da recessão. É disso que dependerá uma boa arrancada rumo – enfim, quem sabe – ao crescimento sustentado. Alguns aspectos, porém, causam preocupação. As características que vem tomando nossa pauta exportadora é um deles.

Neste ano, as exportações brasileiras apresentam queda acentuada: 23,8% no acumulado até julho. O saldo registrado no período só não diminuiu também porque, em razão do desaquecimento da atividade econômica interna no primeiro semestre, as importações caíram ainda mais que os embarques: 30%. Até agora, o superávit comercial é de US\$ 16,9 bilhões e estima-se que feche o ano em US\$ 23 bilhões.

Se confirmados os prognósticos de mercado, este será o terceiro ano consecutivo de redução no saldo. Com o resultado projetado, o superávit na balança de comércio exterior brasileira cairá abaixo dos níveis de 2003. O pico continua a ser 2006, quando as exportações superaram as importações em US\$ 46,5 bilhões, segundo a Secretaria de Comércio Exterior (Secex) do Ministério do Desenvolvimento. Mas este não é o problema mais grave.

Concentração em matérias-primas

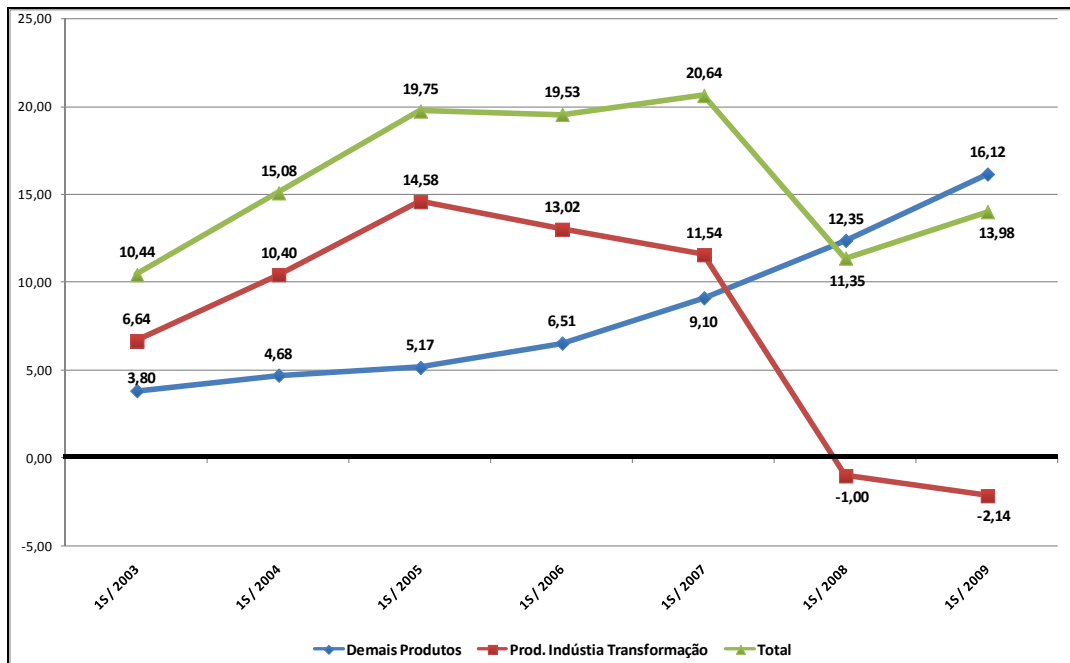
Os dados gerais, por refletirem mais as condições ainda adversas da demanda mundial, assustam menos do que o perfil que nossas exportações vêm adquirindo. Progressivamente, as vendas do Brasil para o exterior estão se concentrando em matérias-primas. Não é o melhor horizonte para um país que almeja estar, dentro de alguns anos, no grupo das nações de maior desenvolvimento do planeta.

Os produtos classificados como básicos – que vão de petróleo bruto a soja em grão e açúcar, por exemplo – responderam por 42,6% das exportações brasileiras nos primeiros sete meses do ano. Poucos anos atrás, seu peso nos embarques nacionais era bem menor e oscilava entre 25% e 30%. Mas não é preciso ir longe para captar o brutal movimento de concentração: entre janeiro e julho de 2008, as matérias-primas ainda representavam somente 36,3% das exportações do Brasil.

Isso não significa que as vendas de commodities sejam desimportantes para o país. Mas o que elas provocam internamente em termos de geração de emprego e renda é bem menos expressivo que, por exemplo, quando se exportam produtos industrializados. E é justamente em prejuízo dos embarques de manufaturas que as exportações de matérias-primas estão avançando.

Segundo levantamento da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB), os manufaturados responderam por 42,9% da nossa pauta de exportações até julho. Na primeira metade de 2008 equivaliam a 47,4%, mas, poucos anos atrás, abocanhavam algo em torno de 60% dos embarques nacionais.

Saldos da balança comercial brasileira (em US\$ bilhões)



Fonte: Secex/Alice. Elaboração: IEDI, com base na taxonomia da OCDE/Standatabase

Geração de empregos, só no exterior

Quando o país vende matéria-prima ao invés de produtos processados, exporta empregos e transfere renda para o exterior. Os segmentos com maiores dificuldades de exportação hoje são justamente os que formam trabalhadores mais qualificados, usam tecnologias mais complexas, pagam salários mais altos e geram mais efeitos sobre o restante da cadeia produtiva.

Se as exportações de bens de maior agregado não estivessem tão debilitadas, a retomada da economia brasileira poderia vir acompanhada de uma rápida recuperação dos níveis de desemprego – mais dolorosa chaga da recessão. Mas, dado o quadro atual, aos primeiros sinais de crescimento no Brasil, quem convocará novos empregados serão as fábricas estrangeiras, notadamente as asiáticas e, mais especificamente ainda, as chinesas.

Estudo feito pelo IEDI (Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial) esmiúça a débâcle nas vendas de produtos brasileiros de maior tecnologia ao exterior verificada em anos recentes. No primeiro semestre de 2009, a balança de bens produzidos pela indústria de transformação foi deficitária em US\$ 2,1 bilhões. É o dobro do resultado de um ano atrás. Pior que isso, representa uma reversão monstruosa e acelerada no comportamento deste segmento.

Nos seis primeiros meses de 2005, a balança de produtos industrializados alcançara seu melhor resultado histórico: superávit de US\$ 14,6 bilhões. Desde então, passou a cair, até chegar aos atuais US\$ 2,1 bilhões negativos. Embora ainda longe das piores marcas, registradas na primeira metade dos anos 90, época do começo da liberalização comercial brasileira, o resultado significa uma reversão de quase US\$ 17 bilhões no resultado comercial deste segmento no curto espaço de apenas quatro anos.

Importador de tecnologia

Vale notar que a arrancada nos superávits comerciais do país desde 2003 até 2008, acompanhando a fortíssima expansão do comércio e da economia mundial, apresentou correlação muito estreita com o comportamento dos saldos registrados na balança de produtos da indústria da transformação. No mesmo período, o empuxo advindo dos demais produtos (notadamente matérias-primas) sobre o resultado global foi bem menor, algo que só se inverteu neste ano (*ver gráfico na página anterior*).

O mesmo estudo do IEDI mostra que, dentro da indústria, os setores que produzem bens de maior valor agregado e empregam mais tecnologia são os que amargam déficits mais vultosos. Tanto os itens de alto quanto os de médio-alto índice tecnológico tiveram, no primeiro semestre deste ano, o segundo pior resultado da história: respectivamente, US\$ 7,6 bilhões e US\$ 11,2 bilhões negativos.

Não é mera coincidência que se concentre na indústria o maior número de vagas fechadas no país ao longo da recessão: são 490 mil empregos a menos desde setembro de 2008. Infelizmente, não virá do setor externo, que em muitos momentos recentes foi o motor da economia brasileira, o impulso para reverter tal quadro: nos próximos meses, o país ficará na dependência de um comportamento chinês por parte do nosso mercado interno. É um risco e tanto, agravado pela contínua valorização cambial (hoje, um dólar vale menos no Brasil do que valia, na média, em 1995) e pelo estancamento do processo de redução da taxa básica de juros.



"Brasil Real - Cartas de Conjuntura ITV" é uma publicação quinzenal do Instituto Teotônio Vilela.
Caso não queira voltar a recebê-la, clique [aqui](#).

Se preferir, basta responder este e-mail preenchendo o campo Assunto com a palavra "Cancelamento" e seu endereço será excluído de nossa lista.

INSTITUTO TEOTÔNIO VILELA

Instituto Teotônio Vilela . Senado Federal Anexo 1 - 17º andar - Sala 1707 . CEP 70165-900 . Brasília - DF . Tel.: (61) 3311-3986 / 3311-4338 / 3224-5282 / 3323-7990 . Fax: (61) 3311-3891 . e-mail: itv@itv.org.br . site: www.itv.org.br